

**FACULDADE DE DIREITO DE VITÓRIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM DIREITO**

EDUARDA LUGÃO DE SOUZA ZATTA

**ARTE-PROTESTO: UM ESTUDO DO PAPEL DA MÚSICA DE
PROTESTO NA DEMOCRATIZAÇÃO DA SOCIEDADE
BRASILEIRA.**

VITÓRIA
2018

EDUARDA LUGÃO DE SOUZA ZATTA

**ARTE-PROTESTO: UM ESTUDO DO PAPEL DA MÚSICA DE
PROTESTO NA DEMOCRATIZAÇÃO DA SOCIEDADE
BRASILEIRA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Direito da Faculdade de Direito de Vitória
– FDV, como requisito parcial para a obtenção do
título de bacharel em Direito, orientado pelo
professor doutor André Filipe Pereira Reid dos
Santos.

VITÓRIA
2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado a capacidade de amar e sentir tanto que não cabe em palavras, sempre me fazendo utilizar da arte como meio mais fiel para expressar aquilo que sinto.

À minha avó Alda, que deixou esse mundo durante o desenvolvimento deste trabalho, sendo a pessoa para quem eu expressei todo meu amor nos seus últimos dias de vida através da música e que jamais deixará de fazer parte de meu ser, do meu viver, do meu amar e do meu cantar.

Agradeço à minha irmã, dona do meu amor mais puro e eterno, e aos meus pais, que me desejaram e me amaram durante toda a espera da minha chegada e que me incentivam a investir no remédio mais eficaz para as dores da alma: a música.

À família do Bloco Para-Rai, por me mostrar, desde cedo, que a música é capaz de unir pessoas diferentes (em todos os sentidos), criando um ambiente de amor e extrema alegria através do samba.

Aos meus amigos e familiares, que me fizeram a partir da vivência com o próximo, me atentar às questões que atingem meus semelhantes, mesmo que não estejam diretamente ligadas ao que eu vivencio. Em especial aos que me deram forças para acreditar em mim no que tange à realização do presente trabalho, seja acreditando no meu tema, me auxiliando na escrita ou me ajudando a me organizar, fazendo com que tudo ficasse mais leve.

Ao meu professor orientador, André Filipe Santos, que se mostrou paciente e solidário ante as dificuldades no desenvolvimento deste trabalho e que, com toda dedicação e vocação, foi capaz de me inspirar e ensinar ainda mais sobre a arte, a democracia, a sociologia e, acima de tudo, sobre a importância de SER HUMANO.

RESUMO

O presente trabalho busca entender as diversas formas de protesto existentes, sendo estas legitimadas pelos direitos fundamentais de Liberdade de expressão, sendo um grande aliado ao Estado Democrático de Direito adotado pelo Brasil. Dentre as possíveis manifestações políticas utilizadas no exercício da democracia, serão destacadas as manifestações artísticas, sobretudo pela música de protesto. Em um primeiro momento será estudado o contexto em que a sociedade brasileira dotou-se de manifestações artísticas para lutarem contra as diversas formas de repressão reveladas no decorrer da História do país. Feito isso, será evidenciada os motivos pelos quais se produzia arte de protesto nas épocas mencionadas e as razões pelas quais a produção artística voltada para movimentos políticos ainda é muito utilizada na atualidade, tornando-se um fenômeno social. A partir daí, será analisado o amplo alcance dessa manifestação político-cultural e sua disseminação entre diferentes “tribos” e idades. Revela-se de grande importância a utilização da mídia como instrumento para difundir as heranças culturais resultantes de períodos históricos de forte atividade política da sociedade, além de contribuir para união da população e facilitar a produção dos conteúdos utilizados nos diversos movimentos de protestos atuais. A fim de estudar a ampla participação dos jovens nos movimentos em questão, foi realizada entrevista com perguntas pré-definidas com a artista capixaba Gabriela Brown - ativista do movimento feminista e LGBT no Estado do Espírito Santo. A partir da análise da entrevista mencionada, de músicas de autoria da artista e os relatos de sua participação em movimentos políticos, revela-se a utilização da música de protesto como instrumento democrático capaz de unir diferenças e alcançar igualdade através de um sentimento de reconhecimento com o discurso adotado.

Palavras-chave: Direitos Fundamentais. Liberdade de Expressão. Música de Protesto. Herança Cultural. Democracia. Influência da Mídia. Juventude brasileira.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	04
1 A ARTE E A EXPRESSÃO NA CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DO BRASIL	06
1.1 CONTEXTO HISTÓRICO	06
1.2 O SENTIDO DA ARTE	09
1.3 A MÚSICA COMO FENÔMENO SOCIAL	12
2 A MÚSICA DE PROTESTO NA ATUALIDADE	14
2.1 SOBRE A PRODUÇÃO DA MÚSICA DE PROTESTO	14
2.2 O ADVENTO DA MÍDIA COMO PRINCIPAL ALIADA DA MÚSICA DE PROTESTO BRASILEIRA	16
2.3 A JUVENTUDE E AMPLA PARTICIPAÇÃO POLÍTICA NO CONTEXTO ATUAL	18
3 UMA APROXIMAÇÃO COM A MÚSICA DE PROTESTO DE GABRIELA BROWN	19
3.1 A ESCOLHA DA ENTREVISTADA	20
3.2 A ENTREVISTA	22
3.2.1 Aproximação das perguntas não respondidas pela entrevistada e suas entrevistas disponíveis na internet	23
3.2.2 Análise das perguntas respondidas pela entrevistada e sua relevância para o presente estudo	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	30

INTRODUÇÃO

Diversos povos ao redor do mundo tiveram suas histórias marcadas por guerras, revoluções, entre outras formas de tensão entre grupos com ideais divergentes. Muitas dessas lutas visavam alcançar, de alguma forma, melhoria na qualidade de vida de povos que viviam em situação de miséria, a visibilidade social de grupos marginalizados e concessão ou ampliação de direitos àqueles que obtinham pouca ou nenhuma proteção jurídica.

Na construção da História brasileira não foi muito diferente, visto que, devido ao seu amplo grau de diversidade em vários âmbitos, juntamente com a mistificação de raças e culturas desde os primórdios da formação de sua sociedade, a cultura do país passou a absorver costumes e tradições de povos estrangeiros e algumas variações destas.

Ocorre que, violência e guerra não foram as únicas formas utilizadas pela sociedade como instrumento de batalha para conquistas de seus ideais. Várias manifestações artísticas foram utilizadas para tais fins em diversos contextos de lutas sociais.

A diversidade inserida no contexto brasileiro é amparada pela Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, tendo esta como base a Democracia e direitos fundamentais como o direito à Liberdade. Motivo pelo qual se legitima a utilização das manifestações artísticas como instrumento democrático.

Os direitos fundamentais protegem os cidadãos contra uma possível atuação excessiva do Estado, sendo uma garantia de limitação do poder estatal em face da liberdade individual conferida à população brasileira. Assim, os direitos fundamentais são tidos como garantias básicas conferidas ao povo, nos quais nem mesmo o Estado pode interferir.

A liberdade protegida pelos direitos fundamentais presentes no rol do art. 5º da Constituição Federal Brasileira não se dá apenas no sentido individual, estando intimamente ligado à esfera coletiva.

Apesar de amparados pela Legislação desde 1988, a população brasileira já viveu épocas em que tais direitos fundamentais reprimidos por contextos como o da Ditadura Militar iniciada no ano de 1964 que será de grande relevância para o presente estudo.

Ainda hoje, a música é utilizada de tal maneira, com influência de um sentimento de revolta da sociedade oriundo do descaso do governo quanto as mazelas sociais. O rap, funk, entre outros ritmos musicais, possibilitam uma maior união de indivíduos nessas causas, gerado a partir de um sentimento de reconhecimento e identificação com a mensagem transmitida.

Diferente da conscientização e da união gerada pelos ritmos citados acima, alguns dos movimentos são originados por questões político-sociais, sendo a música um instrumento para um fim maior, não mais como um fim em si mesma. Destaca-se no período atual a construção de um cenário de protesto referente às questões relacionadas ao feminismo, violência (em suas diversas vertentes), movimento LGBT, corrupção, entre outras.

São os jovens os principais usuários desse tipo de protesto, influenciados pela facilidade no acesso à informações e disseminação de conteúdos gerados também com certa facilidade, muitas vezes criados e produzidos de dentro de suas próprias casas e espalhados e compartilhados apenas com um “click”.

Dessa maneira, o presente estudo busca analisar a influência da música nas conquistas sociais e democráticas ao longo do tempo e como o alcance da música de protesto se faz de forma tão ampla e quais as características vistas como semelhantes entre os movimentos que utilizam a arte como escudo e estratégia de batalha, além das características que as diferem.

No que tange ao contexto histórico, será analisada a herança cultural oriunda de movimentos políticos do passado e como os frutos gerados por estes influenciam até hoje na caça aos direitos conquistados, mas não garantidos de fato e àqueles direitos ainda não alcançados pela sociedade que vive em constante transformação.

1 A ARTE E A EXPRESSÃO NA CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DO BRASIL

A História do Brasil é marcada por diversas manifestações artísticas, sendo utilizadas desde os primórdios como forma de expressar sentimentos, sejam eles quais forem. É praticamente impossível desassociar os sentimentos humanos da arte e da expressão, o que, no âmbito coletivo, resulta em um reconhecimento e identificação perante à diversidade de temas, culturas e questões sociais que envolvem as variadas vertentes artísticas.

O passado parece ter despertado no contexto atual o interesse para a forma de protesto tratada nesse trabalho, fazendo com que movimentos referentes a diversas questões, utilizem da música, da dança e das várias outras vertentes artísticas para chamar atenção do povo para as lutas que objetivam traçar.

Assim, a construção do Brasil e de sua democracia, bem como a manutenção dos direitos adquiridos pelo seu povo, foram diversas vezes reivindicados e questionados através de expressões artísticas.

Por esse motivo, serão evidenciados contextos históricos de alguns dos movimentos em que foram utilizadas manifestações artísticas como objeto de luta para a construção das cenas de protesto durante a construção do Brasil que conhecemos nos dias de hoje.

1.1 CONTEXTO HISTÓRICO

É sabido que, desde antes de vir a ser colonizado, o território que hoje chama-se de “Brasil” era ocupado por povos indígenas. Esses povos, além de organizados socialmente, eram acima de tudo, dotados de cultura, na qual se evidenciavam a presença de rituais diversos com a presença de danças, músicas, pinturas corporais, dentre outras formas de produção de arte inseridas dentro de um contexto específico de cada ritual realizado por eles.

Ainda hoje, no que tange aos povos indígenas e sua cultura diversificada, o ramo da arte e suas expressões “[...] é amplo e se expressa de diferentes formas, das mais efêmeras pinturas corporais às duradouras edificações, incluindo artefatos de uso cotidiano e ritual, manifestações performáticas e musicais” (VELTHEM, 2010, p. 23).

O processo de escravização dos negros e o contexto em que foram inseridos, maltratados, encarcerados e privados de vivenciar suas culturas de origem, fizeram com que estes adaptassem seus rituais, crenças, danças e expressões artísticas para que continuassem a praticar e expressar – mesmo que de forma restrita e sob um olhar repressivo – seus costumes e tradições.

Esse povo utilizava a arte como exteriorização da dor, revolta e sofrimento que vivenciavam no dia a dia, sendo tema constante de seus discursos: a saudade de suas casas e famílias, orações para divindades suplicando proteção e o sentimento de aversão àqueles que se tornaram “donos” de um povo desconstruído de suas personalidades.

Dentre canções de protesto e movimentos que visaram ampliar e afirmar a democracia Brasileira, destaca-se o período da Ditadura Militar que teve início no ano de 1964, tempo em que se revelou um dos movimentos mais importantes da História do país, bem como da importância da luta social para garantia de direitos – mesmo em tempos de extrema repressão, sendo evidenciada a música como principal arma para a luta pela Liberdade e democracia.

Durante esse período, “[...] o plano político foi marcado pelo autoritarismo, anulação de direitos constitucionais, perseguições, torturas e censura dos meios de comunicação” (FREIRE; AUGUSTO, 2014). Assim, mais uma vez, a população encontrou na arte, uma forma de se mostrar resistente às opressões que vinham sofrendo, mesmo que de uma forma contida.

As músicas produzidas na época em questão eram submetidas à uma análise da Polícia Federal para que, somente após aprovadas e alteradas para que

atendessem os comandos do governo ditatorial vigente, eram liberadas para serem apresentadas em público. (FREIRE; AUGUSTO, 2014).

A censura não atingia a arte apenas no que tange à música, sendo outros meios de produção artística alvo do mesmo tipo de repressão, uma vez que “o regime militar brasileiro [...] concentrou-se em vigiar e controlar o espaço público, regido por uma lógica de desmobilização política da sociedade como garantia da ‘paz social’” (NAPOLITANO, 2004).

As autoridades do governo vigente, utilizaram de variados instrumentos a fim de conter a oposição, tendo como alvo principal os meios de comunicação e as várias vertentes relacionadas às manifestações artísticas. Assim, as músicas que seriam “filtradas” pela análise da Polícia Federal, uma vez averiguadas, receberiam o indicativo de como deveriam ser alteradas para só então serem aprovadas para apresentação em público (FREIRE; AUGUSTO, 2014).

Diante do cenário de supressão da liberdade individual e coletiva de um povo que ansiava pela democracia, os artistas da época utilizavam como estratégia o disfarce das mensagens que objetivavam passar em suas obras, na tentativa de fazê-las passar pela análise das autoridades competentes sem que deixassem de transmitir e aflorar o sentimento de ativismo do público alvo.

A música popular brasileira no período tornou-se a maior arma utilizada contra a violência sofrida principalmente pelos jovens universitários que formavam a maior parte dos ativistas da oposição, os quais se organizavam em eventos nas universidades ao redor do país, a fim de buscarem soluções para a realidade silenciosa e violenta em que se encontrava o povo brasileiro.

Os “jovens intelectuais de esquerda” utilizavam da música como forma de espalhar e difundir mensagens de protesto, mesmo que de forma silenciosa e disfarçada e eram os principais compositores dessa forma de protesto e lançavam suas músicas nos Festivais de Música Popular, onde se deu o lançamento de músicas conhecidas até hoje como hinos de protesto (FREIRE; AUGUSTO, 2014).

Atualmente, a música de protesto vem sendo encontrada nos mais variados ritmos e cenas que muitas vezes revelam dentro de um mesmo movimento, temáticas divergente daquelas que baseiam o discurso do próprio movimento. Assim, na cena trilhada pelas “minas do rock”, busca-se, em um primeiro momento, dar foco ao discurso feminista. E dentro da construção da própria cena, surge a necessidade de se discutir a sexualidade, principalmente no que tange à causa LGBT (FACCHINI, 2011).

Os movimentos citados acima não são os únicos em que se observa a utilização das expressões artísticas como instrumento democrático. Nas últimas eleições presidenciais que elegeu o candidato Jair Bolsonaro, mulheres, negros, LGBT's, entre outras minorias, movimentaram o movimento #EleNão, a fim de enfrentar o discurso de ódio presente na fala do então candidato e de seus eleitores.

Para combater o preconceito nítido presente na campanha do candidato, a oposição participante da causa em questão, dotou-se de arte para exaltar a luta que vinha sendo traçada. Assim, várias foram as paródias e músicas escritas no sentido de enfraquecer a campanha de cunho antidemocrático do presidente eleito em 2018.

Percebe-se então, a necessidade de entender um pouco mais sobre a influência das heranças históricas provenientes do passado da história do Brasil, sobretudo a função da música de protesto utilizada no período do regime militar e de que modo a arte se caracteriza como um fenômeno, pelo qual não se pode fugir da função social.

1.2 O SENTIDO DA ARTE

Diante dos contextos históricos apresentados, busca-se entender o sentido da arte e os motivos pelas quais as obras artísticas são produzidas. Sobre o tema, Antônio Cândido entende que “[...] a atividade do artista estimula a diferenciação de grupos; a criação de obras modifica os recursos de comunicação expressiva; as obras delimitam e organizam o público” (CANDIDO, 2006).

A arte é produzida como forma de expor sentimentos, objetivando, por meio dessa libertação, transmitir mensagens de modo com que esses sentimentos expressados atinjam a realidade de uma coletividade, não apenas a individualidade de quem à produz.

Desde os anos 60, “a chamada canção de protesto [...], num primeiro momento, representava uma possível intervenção política do artista na realidade social do país, contribuindo assim para a transformação desta numa sociedade mais justa” (CONTIER, 1998).

Assim, é possível perceber que a arte tende a ser capaz de modificar o contexto social do país, unindo através da mensagem que se pretende transmitir, um grupo de pessoas que, de alguma forma, se sintam tocados com a realidade do cenário em que estão inseridos e até mesmo com a realidade vivida por seus semelhantes.

Ainda na década de 60, os artistas que contribuíram para a oposição no regime militar iniciado em 1964, visavam unir o seu protesto à suas manifestações artísticas. Assim, utilizavam dos festivais de música popular brasileira e do “espaço cênico” a fim de conscientizarem politicamente o público que vinham atingindo (FREIRE; AUGUSTO, 2014).

Revela-se, nesse sentido, a esperança da modificação de um cenário conturbado a partir de produções artísticas, mesmo que no tempo em questão, a intenção de se protestar se via diversas vezes prejudicado pela censura e ameaça aos artistas que pretendiam revolucionar a situação do país.

Entre os artistas da época, destaca-se Chico Buarque de Hollanda, sendo este um símbolo de resistência em tempos de ditadura militar, uma vez que conseguia, através de suas composições, “[...] expressar um sentido de resistência e uma nova proposição acerca da relação ser/tempo que ia além da instrumentalidade política imediata, típica das canções de protesto contra o regime” (NAPOLITANO, 2003).

Através da utilização do tempo como tema para aguçar e despertar a repulsa pela violência e repressão, Chico expressava experiências cotidianas vividas num tempo passado e que se pretendia voltar a viver no futuro.

A arte como explanação do cenário social já se encontrava presente nas características da Bossa Nova, onde “numa tentativa de politização da bossa nova, alguns compositores e intérpretes aderiram a uma postura de engajamento político”. Assim, revela-se a modificação dos temas relacionados à uma felicidade cotidiana à uma certa “necessidade de cantar” (GEROLAMO, 2017), o que revela um caráter social inerente à produção artística num modo geral.

É evidente que o artista transfere para sua obra suas vivências e sentimentos individuais, “[...] justamente porque é uma comunicação expressiva, a arte pressupõe algo diferente e mais amplo do que as vivências do artista” (CANDIDO, 2006).

Assim, involuntariamente, toda arte produzida acaba por provocar reações na população, e essas reações são resultado do meio em que não só o artista, mas também o público que reproduz a arte produzida, estão inseridos.

No que tange à produção artística e seus resultados na esfera coletiva, nota-se que “os elementos individuais adquirem significado social na medida em que as pessoas correspondem a necessidades coletivas; e estas, agindo, permitem por sua vez que os indivíduos possam exprimir-se, encontrando repercussão no grupo” (CANDIDO, 2006).

Diante do exposto, verifica-se que, mesmo com o passar do tempo e as diferenças atribuídas aos diferentes movimentos políticos e revolucionários da História brasileira, os motivos pelos quais se produz a arte e a sua repercussão enquanto lutas sociais ainda se dá de forma semelhante.

A população enxerga na cultura, em suas diversas vertentes, uma maneira para fugir da realidade em que se encontram, questionar problemas enfrentados pela

sociedade e reivindicar a garantia de seus direitos, seja lá o contexto econômico e social nos quais estão inseridos.

1.3 A MÚSICA COMO FENÔMENO SOCIAL

No tocante à sensibilização de um povo, classe ou grupo sobre a realidade social, verifica-se que os movimentos tratados nos tópicos anteriores, resultaram em uma herança cultural de luta e revolução, ecoando ainda hoje no sentimento de revolta, principalmente daqueles que estão inseridos nos grupos que representam as minorias no Brasil.

No cenário da Bossa Nova, destaca-se Nara Leão e os companheiros que frequentavam sua residência a fim de trocar experiências sobre a arte que vinham produzindo. Ampliando seus horizontes, esses artistas, entre os anos de 1958 e 1959, passaram a se apresentar em faculdades e festivais onde estavam presentes jovens universitários e, muitas vezes, da alta sociedade. (GEROLAMO, 2017).

Além das apresentações em público despertarem a necessidade de se tratar de política através da arte, as aparições dos referidos artistas nas emissoras de TV e na mídia em geral, fizeram com que estes se dotassem da intenção de alertar e conscientizar o público sobre a situação do Brasil. Assim, os bossa-novistas fortaleceram o engajamento político na época, buscando popularizar suas obras cada vez mais (GEROLAMO, 2017).

Em se tratando da música de protesto no regime militar, percebe-se que desde as aparições simples e intimistas de Chico Buarque até o excesso utilizado pelos artistas do Movimento Tropicalista, estão atreladas características resultantes de heranças culturais utilizadas por movimentos anteriores. O caráter intimista com que Chico costumava se apresentar, se assemelham às apresentações de João Gilberto e a contenção do excesso defendida pelos autores das obras pertencentes à Bossa Nova. O excesso rejeitado outrora, veio a ser importante característica para a estética dos tropicalistas enquanto oposição (NAVES, 2000).

Ainda hoje, persistem no tempo as características tratadas acima, sendo estas utilizadas como estratégia para aproximação dos diversos grupos inseridos no contexto político atual. Portanto, a pluralidade de estilos, ritmos e influências presentes nas canções de protesto nos dias de hoje, resultam de uma longa história de produção cultural proveniente de movimentos sociais que fizeram parte da construção do país.

Evidenciando a música como fenômeno social, destaca-se a cena feminista em São Paulo entre os anos 2004 e 2007, período de grande expansão e ampliação da visibilidade das “minas do rock”. Nesse contexto, eram realizados festivais que visavam atingir o público feminino, sendo os shows de bandas feministas, os momentos em que se obtinha a maior concentração de mulheres, principalmente o público jovem. (FACCHINI, 2011)

Vimos anteriormente que mesmo não sendo o foco da atuação das “minas do rock”, as questões relacionadas ao movimento LGBT vieram à tona, o que fez com que as elas utilizassem como estratégia política, o enfrentamento aos estereótipos atribuídos a elas. Assim, além da música, se chamavam por nomes como “sapatão” e abusavam dos diferentes estilos e comportamentos como forma de protesto (FACCHINI, 2011).

Esse enfrentamento exhibe a função social da música que é capaz de atingir além do enredo pelas quais são produzidas, alcançando muitas vezes outros movimentos existentes na sociedade, influenciadas pela mídia ou por outros fatores que não estão diretamente ligados à atividade musical, como é o caso do estilo.

Não é apenas nos movimentos feminista e LGBT que encontramos a busca pela igualdade por meio da arte. O advento do hip hop no Brasil no início dos anos 90, revelou no movimento, uma influência de artistas negros e moradores de comunidade, o que possibilitou aos jovens marginalizados, uma maior atuação política e ativista no contexto em que estavam inseridos (MORENO; ALMEIDA, 2017).

Assim, diferente da característica do público alvo dos movimentos sociais passados, atualmente revela-se uma extensão do ativismo político de uma forma mais igualitária e acessível às diversas realidades vividas pelo povo brasileiro. A extensão da participação política se dá, sobretudo, pela influência e facilidade de produção de conteúdo, além da facilidade no acesso à informação.

2 A MÚSICA DE PROTESTO NA ATUALIDADE

Estando intimamente ligada à construção do cenário atual do Brasil, a música de protesto na história do país se deu presente em diversas formas e em diferentes contextos. Como apresentado nos tópicos anteriores, a música de protesto referente ao passado brasileiro atingiu gerações, ultrapassando o tempo em que foram produzidas e apresentadas ao público vivido na época.

Foram utilizadas diversas estratégias para que se transmitisse o sentido de movimento político e para que, por meio dessas estratégias, as produções, mesmo que produzidas individualmente, passassem a atingir uma coletividade enquanto fenômeno social.

Dentre as estratégias utilizadas até os dias de hoje, identifica-se a mídia e os meios de comunicação como facilitadores da união de grupos em torno das lutas sociais demarcadas constantemente na sociedade brasileira.

Assim, é de grande importância entender como se difere a produção e reprodução das canções de protesto no passado e nos dias de hoje.

2.1 SOBRE A PRODUÇÃO DA MÚSICA DE PROTESTO

Em um primeiro momento, é necessário entendermos como se produzia música de protesto no passado e de que forma o público viria a ser atingido pelo sentimento de ativismo e participação política a fim de alterar a realidade na qual estavam inseridos.

Durante os anos 60, a maior parte das apresentações das canções de protesto se davam no cenário universitário, e atingiam em sua maioria, estudantes e profissionais liberais que habitavam as grandes cidades do Brasil (CONTIER, 1998). Portanto, apenas quem frequentava os locais onde eram realizados os shows, tinham a chance de se ligar às questões debatidas e enfrentadas nas músicas apresentadas.

Entre 1965 e 1969, os artistas utilizavam os Festivais de Música Popular para difundir a luta perante a repressão sofrida por eles, mesmo que de forma velada e sob a censura de um governo violento e torturador. Nesse momento, os artistas buscavam atingir outros grupos que não fossem apenas aqueles de classes sociais elevadas que frequentavam os festivais em que estes se apresentavam. (FREIRE; AUGUSTO, 2014).

Com essa postura, tentavam quebrar as barreiras da censura que operavam de modo a analisar e alterar as canções originalmente escritas, sem que deixassem de atingir o objetivo de aflorar na população um sentimento de repulsa à repressão da ditadura.

Estes artistas objetivavam ampliar o público atingido e tocado pelas mensagens que buscavam transmitir, fazendo com que a música ecoasse para além das diferenças sociais e econômicas e viesse a aguçar na sociedade como um todo, a necessidade de expressar o desejo de mudança.

Na cena protagonizada pelas “minas do rock”, valoriza-se muito a produção da arte pelas próprias garotas participantes do movimento. Dessa forma, elas participam de cada etapa da elaboração das músicas apresentadas nos festivais, de modo a provar que podem assumir toda e qualquer posição dominada pelos homens (FACCHINI, 2017).

Semelhante à cena do hip hop tratada no tópico anterior, percebe-se que com o passar do tempo, os produtores da cultura de protesto, se aproximam cada vez mais com aqueles que os movimentos pretendem atingir.

Portanto, fica evidente que essa aproximação, além de ampliar o público, difunde a arte produzida com maior facilidade entre os diferentes grupos sociais, seja os pertencentes às minorias presentes no cenário atual ou aqueles que simpatizam com as causas.

2.2 O ADVENTO MÍDIA COMO PRINCIPAL ALIADO DA MUSICA DE PROTESTO BRASILEIRA

Com o início das apresentações artísticas que visavam participar de movimentos de protesto, notou-se a aparição de emissoras de televisão nos festivais (GEROLAMO, 2017). Fazendo, assim, com que os horizontes no que tange ao público que assistia às apresentações das músicas de protesto fossem ampliados, oportunizando com que pessoas que não estivessem ali presentes, se inserissem de alguma forma no sentimento de anseio pela democracia e liberdade.

Indo além do público presente nos shows em que costumavam tocar, os manifestantes se tornaram exemplo de resistência, como é o exemplo de Chico Buarque. Em suas músicas, nas quais eram tratados temas como a esperança de um novo tempo e a presença de um sentimento de esperança e nostalgia de um tempo sem repressão e censura, a população vivida na época encontrou certo amparo para a descrença e angústia que muitas vezes tomavam conta de seus sentimentos (NAPOLITANO, 2003).

Com o passar dos anos e as alterações da sociedade brasileira, além da ampliação do acesso à informação e a facilidade com que se compartilha conteúdos vinculados na mídia, pôde-se perceber que os meios de comunicação se tornaram grandes aliados da música de protesto.

No contexto do movimento feminista, a internet se fez fundamental para agregar pessoas à cena, sendo este o ambiente em que as meninas vinculavam os materiais produzidos, não apenas no que tange às músicas pertencentes à luta traçada por

elas, como também se refere à um espaço em que se garantiu a criação de grupos para debate sobre as divergências de opinião acerca dos variados estilos adotados pelas “minas do rock” em suas aparições no “Lady Fest Brasil” (FACCHINI, 2011).

Atualmente nas redes sociais ainda vemos que o contexto de união e debate entre jovens do meio feminista é muito presente. No grupo “Um teto todo nosso”, criado no Facebook, jovens mulheres das mais variadas características compartilham e trocam informações entre si sobre diversos assuntos voltados para o universo feminista. Diversas vezes, as participantes do grupo compartilham também suas experiências em relação à violência sexual, relacionamentos abusivos e outras questões relacionadas aos problemas enfrentados pelas mulheres, a fim de alertar e conscientizar as outras participantes sobre os perigos que elas podem vir a enfrentar.

Comovidas com histórias e relatos partilhados, as demais integrantes se sensibilizam e acabam por expor suas próprias experiências no intuito de gerar algum conforto umas às outras, criando assim uma rede de fraternidade e sonoridade. O mesmo ocorre em demais grupos de diversas comunidades sociais.

Porém, a presença da música na mídia como forma de se tratar das minorias inseridas no contexto social brasileiro, nem sempre é vista de forma favorável. O aumento da atividade econômica da população pertencente à “classe C”, resultou em uma maior visibilidade da cultura periférica, sobretudo na mídia. Nesse cenário, têm-se a música como principal recurso para criação da visão que as classes dominantes têm sobre a cultura, estilo de vida e característica das pessoas que vivem nas periferias brasileiras. As trilhas sonoras dos núcleos que relatam a vida nas comunidades em novelas transmitidas nas emissoras brasileiras de televisão, criam um molde de “músicas periféricas brasileiras de massa” que acabam reforçando estereótipos e preconceitos já existentes. (TROTТА, 2013)

Mesmo havendo divergência quanto ao benefício da inserção dos meios de comunicação na conjuntura da música de protesto, é inegável a importância destes no exercício da democracia e na busca pela ampliação de direitos ainda não garantidos no Brasil.

A população encontrou na mídia uma forma mais rápida e eficaz para expressar as angústias e insatisfações perante um governo que, diversas vezes, não é capaz de cumprir e garantir à sociedade direitos básicos a qualquer ser humano: saúde, educação e moradia.

Se o cenário é de descaso quanto aos direitos fundamentais, os grupos que compõem a minoria social no país enxergam no ativismo político a única forma de se conquistar os direitos que pretendem garantir. Diante disso, é cada vez mais comum na internet, produções de música de protesto que se tornam virais diante do fácil compartilhamento nas redes sociais. A produção desse conteúdo já não se dá mais por meio de grandiosas e ornamentadas gravações. Os músicos hoje utilizam da praticidade da internet para, através de vídeos muitas vezes gravados pelo próprio celular, lançarem seu discurso nas redes.

A facilidade para a produção do conteúdo de protesto reflete também na reprodução e compartilhamento deste, se dando de forma simples e rápida, o que, além de reafirmar a música de protesto como fenômeno social, revela um enorme alcance das produções artísticas.

2.3 A JUVENTUDE E A AMPLA PARTICIPAÇÃO POLÍTICA NO CONTEXTO ATUAL

Como podemos perceber nos tópicos tratados acima, a figura do jovem sempre esteve presente como principal desfrutador do meio artístico voltado para as batalhas diárias provenientes da busca pela democracia.

Atualmente, o cenário do ativismo político não se dá apenas no cenário das universidades. Os jovens, atualmente, utilizam como principal ambiente de protesto, a internet e os meios de comunicação que acabam por facilitar a atuação política dos jovens em questão.

Em um primeiro momento, a facilidade de vinculação e circulação de conteúdo voltado para as causas sociais na mídia, pode parecer característica de um comodismo dos jovens da sociedade atual. Mas, em se tratando de um fenômeno social, deve-se perceber que a internet aliada à música de protesto, atinge um alcance tão extenso, que deve ser entendida como uma valorização para a cultura do protesto.

O fato de serem os jovens protagonistas das lutas sociais traçadas ao longo do tempo, indica que cada vez mais o povo brasileiro tem se politizado mais cedo, entendendo sua importante função na democracia e assumindo o papel de participante político na sociedade brasileira.

Outro ponto relevante na atuação dos jovens como participantes ativos da democracia, é o fato de que, estes revelam uma certa empolgação, simbolizando um maior afloramento para o objetivo de tratarem de temas atuais e que revelam problemas reais enfrentados por uma sociedade.

A intensidade e a forma imperativa com que os jovens tratam as questões, parece tocar cada vez mais pessoas, através de certo encantamento com o que veem nos movimentos.

Assim, mesmo observando a facilidade com que a juventude atual se insere no meio político, nada se pode discutir sobre a ampliação da participação política e, principalmente do fenômeno gerado pelo amplo alcance social das músicas de protesto vinculadas à internet e às diversas redes sociais digitais.

3 UMA APROXIMAÇÃO COM A MÚSICA DE PROTESTO DE GABRIELA BROWN

A fim de atingir uma melhor compreensão sobre o tema apresentado, trazendo à tona um cenário mais próximo da realidade do povo capixaba, buscou-se analisar a atuação de jovens artistas e ativistas na cidade de Vitória.

Inicialmente foi feita uma lista de artistas capixabas que pudessem ser enquadrados na categoria de música de protesto, na qual encontram-se grupos e artistas de variados estilos musicais que acabam trazendo para suas composições temas importantes para a construção de uma sociedade mais consciente e democrática.

As cantoras capixabas GAVI e Gabriela Brown utilizam da alegria e do ritmo dançante para tratarem de temas como amor livre e retratam a força feminina na comunidade musical do estado. Apresentando-se em casas de shows e movimentos de protesto como o ato “Marielle Presente” e “#EleNão”, as artistas se destacam em suas apresentações, utilizando características de ritmos como o Soul, Groove e Black Music. Em suas redes sociais, ambas reafirmam a postura de ativistas, dialogando com o público acerca do movimento feminista, LGBT e antifascista.

Nas últimas eleições presidenciais em que o povo brasileiro elegeu o candidato Jair Bolsonaro, a produtora capixaba de rap Setor Proibido, lançou a música “Primavera Fascista” (BOCAUM; LEONI; ADIKTO; AXANT; MARY JANE; VK MAC; DUDU, 2018). No clipe da música, além da presença de alguns trechos de discursos de cunho fascista do candidato, os artistas Bocaum, Leoni, Adikto, Axant, Mary Jane, Vk Mac e Dudu cantam sobre a homofobia, racismo, desigualdade de gênero e o preconceito (velado ou não) dos eleitores de Bolsonaro. Sendo um símbolo de resistência, a música viralizou nas redes sociais, se tornando o maior hino de protesto da oposição do presidente que viria a ser eleito.

Destaca-se também o quarteto Solveris, os quais buscam tratar sobre temas cotidianos, como o relacionamentos amorosos e batalha diária de jovens que sonham e buscam conquistar um futuro maior por meio da voz. O grupo é composto por 4 jovens naturais de Vila Velha e Cachoeiro de Itapemirim. Seu rap dançante e os temas tratados causam uma aproximação com o público, o que tem ampliado cada vez mais o alcance do quarteto pelo Brasil.

A artista escolhida para a aproximação do presente estudo com o contexto capixaba foi a cantora e compositora Gabriela Brown (22 anos), ativista dos movimentos feminista e LGBT e moradora de Vitória.

3.1 A ESCOLHA DA ENTREVISTADA

A escolha se deu por meio da ampla visibilidade da artista no ano de 2018 no cenário musical capixaba e pelo seu ativismo escancarado nas redes sociais, fazendo com que seus seguidores e admiradores se inspirem na artista como símbolo de resistência e militância.

Gabriela, ainda que jovem, tem sido importante para o ativismo presente na cena capixaba. Isso pois, sendo participante do movimento LGBT e abordando em suas composições o tema feminista, consegue atingir um público diversificado que se une em prol da intenção de gritar à população capixaba a necessidade de traduzir na arte acontecimentos cotidianos.

A artista é autora de obras como, “Velvet Weakness” (BROWN, 2015), “Anti-Maré” (BROWN, 2017), “Bonito é o Que?” (BROWN, 2017) e “Meu Carnaval” (BROWN, 2018), sendo lançadas em seu canal do Youtube, onde já vinha apresentando seu trabalho como cantora por meio de interpretação de canções de artistas internacionais.

Em “Anti-Maré”, identifica-se a força da mulher e a necessidade de um afrontamento contra valores impostos pela sociedade no que tange ao comportamento feminino. Podemos perceber o ideal feminista no trecho

Vou, vou
 Me por no meu lugar
 E esse é no topo
 Você vai ter que aceitar

Sei que não é fácil e resolvível
 Mas, meu bem, eu quero
 Se quiser
 Carimba um mimada

Sei que é difícil
 To brigando, luto com esmero
 Sou mulher
 Carrego a alma armada (BROWN, 2017)

Ainda sobre a valorização da mulher, em “Bonito é o Que?” (BROWN, 2017), a compositora busca despertar a diversidade da beleza feminina, criticando os

padrões de beleza impostos pela mídia que acaba por definir um conceito falho do que é “bonito”, onde a maioria das mulheres brasileiras não se encaixam. A intenção da autora em relativizar o conceito de beleza se faz presente no refrão da canção mencionada, que diz

Me ensinaram que era feio ela e o corpo dela
 Feio ser a chave pra abrir a própria cela
 Feio ser pincel pintar a própria tela

Então bonito é o quê? Bonito é o quê? Bonito é o quê?

Fala pra mim
 Bonito são elas
 Bonito são elas
 Bonito bonita morena que linda
 Que sobe na vida que desce na pista (BROWN, 2017).

Sem abandonar a temática do feminismo, o clipe de “Meu Carnaval” (BROWN, 2018), é protagonizado por casais de mulheres LGBT’s que vivem cenas comuns no cotidiano de qualquer casal. De maneira leve, romântica e alegre, Gabriela retrata e celebra a diversidade nos relacionamentos afetivos.

Logo, fica inegável a relevância da artista escolhida devido à sua forte atuação nos movimentos tratados acima e a aproximação de sua atuação no meio da música com a tema do presente estudo.

3.2 A ENTREVISTA

Através das redes sociais, foi possível entrar em contato com a artista a fim de conseguir com que a mesma respondesse algumas perguntas pertinentes aos pontos abordados no presente estudo. Em um primeiro momento não foi difícil contatar a entrevistada, se mostrando esta solícita e interessada em contribuir para o tema.

No dia 5 de Novembro de 2018, então, entrei em contato com a entrevistada de modo a explicar, em um primeiro momento, o tema escolhido para o presente trabalho e qual a relevância da participação dela nesse estudo de caso.

Em princípio seriam realizadas oito perguntas em uma tarde de entrevista. Mas, devido ao tempo reduzido da cantora, ela solicitou que as perguntas fossem enviadas para ela. Nem todas as perguntas foram respondidas. Dessa forma, serão relatados todos os questionamentos que seriam feitos pessoalmente à entrevistada e seus objetivos, tentando responde-las por meio de entrevistas dadas por ela à sites de notícia. Posteriormente serão analisadas apenas as perguntas respondidas pela ativista.

3.2.1 Aproximação das perguntas não respondidas pela entrevistada e suas entrevistas disponíveis na internet

Com o objetivo de entender o motivo do amplo alcance das músicas da artista na sociedade capixaba e analisar a relação entre os ritmos e características presentes em suas obras, seria perguntado à entrevistada se a mesma acredita que a leveza e alegria com que ela aborda a música de protesto resulta em uma maior identificação e visibilidade enquanto ativista.

Em entrevista para o Jornal Eletrônico Século Diário, ao comentar sobre o lançamento de “Meu Carnaval” (BROWN, 2018), a entrevistada sobre as características da música entende que

“É uma celebração. Fala de carnaval como uma metáfora para celebrar esse tipo de amor. Muitas vezes os vídeos com temática lésbica são retratados com tristeza, pesar, mostrando as dificuldades, o que também é muito importante. Mas queremos mostrar a rotina, as pessoas rindo e se amando” (BROWN para SÉCULO DIÁRIO, 2018)

Desse modo, entende-se que a artista pretende inovar e conferir nova identidade à música de protesto de forma a fazer com que seja natural para a população, ouvir canções que tratem de minorias com igualdade e relatando não apenas as dificuldades encontradas por esses grupos, mas também o cotidiano e momentos de felicidade destes.

No tópico 1.1 sobre o sentido da arte, relatou-se que, por meio das canções de protesto, os artistas dos anos 60, assim como Gabriela, visavam alterar o contexto social da sociedade em que estavam inseridos para que atingissem uma realidade mais justa (CONTIER, 1998), sendo esse um dos motivos pelos quais, até os dias de hoje se utiliza da arte como instrumento de protesto. A presente fala também se associa com a estratégia de enfrentamento político utilizada pelas “minas do rock” pertencentes à comunidade LGBT que buscavam enfrentar o preconceito presente na sociedade. O principal ato desse enfrentamento foi a adoção do termo “sapatão”, originalmente utilizado como ofensa, para tratar de mulheres que possuem relações afetivas com outras mulheres, mesmo que apenas de maneira curiosa (FACCHINI, 2011).

Em seus perfis nas redes sociais, é possível perceber que muitas vezes Gabriela se apresenta, acompanhada por banda composta por mulheres, o que resulta em uma maior visibilidade do movimento feminista. Assim, na intenção de entender se esse fato se trata de uma estratégia ou apenas de uma simples coincidência, seria perguntado à artista os motivos pelos quais se deram a formação da banda.

Ao site Inferno Santo, a entrevistada relatou em 2017 que, na época estava abordando constantemente questões como empoderamento feminino e auto estima (INFERNO SANTO, 2017), o que de certa forma, pode significar um dos motivos pelos quais a cantora envolve em suas apresentações outras mulheres talentosas e empoderadas.

Mesmo que a predominância feminina na formação da banda não seja uma estratégia política para ampliação do movimento e da visibilidade das canções da artista, a característica da banda pode resultar no resultado que seria pretendido caso fosse realmente uma estratégia. Isso pois, como tratado no decorrer do presente estudo, elementos que se apresentam em um primeiro momento como provenientes da individualidade de artistas, podem vir a atingir uma coletividade de pessoas que acabam por se identificarem com o significado social da mensagem transmitida (CANDIDO, 2006).

No contexto das últimas eleições presidenciais, os artistas que se eximiram de expor suas posições foram fortemente criticados, como a cantora Anitta que prega o feminismo e causa LGBT em suas músicas e em suas aparições na mídia, mas não se posicionou para a defesa do seu público alvo que foi vítima dos discursos de ódio proferidos pelo candidato Jair Bolsonaro e seus eleitores.

Sobre a importância do posicionamento de artistas que produzem música de protesto em ambientes além dos que tangem aos seus trabalhos, a entrevistada seria perguntada sobre qual a sua visão sobre celebridades que utilizam movimentos de protesto apenas para promoção de seu trabalho e se a mesma acredita que essa postura interfere de alguma forma nesses movimentos, o que não pôde ser identificado nas matérias publicadas sobre a ativista.

Ainda sobre o movimento #EleNão, em que Gabriela se apresentou em atos que ocorreram na Praça do Papa contra Bolsonaro no primeiro e segundo turno das eleições, pretendia-se perguntar sobre de que forma ela enxergou o movimento no contexto musical e como a mesma pretende lutar pela causa principalmente após o candidato ter sido eleito à presidente do país.

Em seu perfil no Instagram, a entrevistada postou um vídeo de uma de suas apresentações na cidade de Vitória, onde acompanhada de mais duas cantoras, canta uma nova versão da música “Meu Carnaval” (BROWN, 2018), onde cantam em forma de resistência o refrão

Mulheres não tem medo
Por quê quando perguntarem
Quem ganha a eleição
Ele não, ele não (BROWN, 2018)

Diante de tal fato, pode-se perceber que diferente do que ocorria no período do regime militar e nas apresentações de músicos nos Festivais de Música Popular, atualmente os artistas não apresentam mais de forma velada e secreta a intenção de protesto na arte (FREIRE; AUGUSTO, 2014). Assim como Gabriela, muito se utiliza de músicas já existentes em uma nova versão para adaptar e difundir a necessidade de enfrentamento perante a lutas sociais.

Por fim, pretendendo analisar o cenário musical capixaba e conhecer as dificuldades enfrentadas por artistas que, assim como Gabriela, buscam garantir um espaço no universo da música em uma cidade onde o meio não é muito reconhecido, a última pergunta objetivava conhecer as maiores dificuldades enfrentadas pela artista no contexto musical capixaba e de que forma a mesma busca combater os problemas encontrados em sua carreira. Através das outras entrevistas dadas pela artista, não se pôde chegar à uma resposta.

3.2.2 Análise das perguntas respondidas pela entrevistada e sua relevância para presente estudo

A primeira pergunta foi relacionada ao sentido que a artista dá à música para além de sua carreira, sendo questionada se enxerga a música de protesto como algo inerente à função social de um artista ou se os temas sociais abordados se dão apenas pela vivência dos compositores. A pergunta foi feita com o objetivo de entender como a artista é motivada à produzir arte e os motivos pelos quais ela trata de temas discutidos pela sociedade nos dias de hoje.

Diante da pergunta feita, Gabriela respondeu: “Eu acho que é inerente a função social de um artista sim, porque o artista tem que refletir o seu tempo, mesmo que seja de uma forma subliminar e mesmo que não seja falando sobre política, mas tem que refletir o que tá acontecendo sim”. (BROWN, 2018).

Ao tratar do tempo como característica necessária para a produção de arte, a entrevistada aproxima seu discurso à característica de Chico Buarque na década de 60, o qual buscava relacionar o ser e o tempo para expressar em suas canções o sentimento e a necessidade de se formar uma resistência quanto ao momento vivido (NAPOLITANO, 2003).

A próxima pergunta buscava entender a visão da artista sobre a forma mais eficaz de se protestar no cenário atual. Desse modo, uma vez perguntada sobre a maneira mais eficaz de participação política, a entrevistada respondeu:

Eu acho que a música foi uma voz que eu achei pra falar das coisas que eu já queria falar. Se não fosse pela música seria pela literatura, pelo cinema. Essa foi minha linguagem. Eu sempre fui apaixonada pela música, mas eu acho que mais forte que a música em si era o que eu poderia falar com ela e as pessoas que eu poderia atingir. (BROWN, 2018)

A cantora evidencia a arte como expressão necessária para tratar das questões sociais, Evidenciando desse modo, o caráter de fenômeno social da música e da arte de protesto. Diante da presente fala, entende-se que o fato de se relatar cenário social supera a vontade de se produzir arte, pode-se entender que, desde a modificação dos temas cotidianos abordados por músicos da Bossa Nova para temas que pretendessem politizar não só a Bossa nova, mas como aguçar na sociedade uma postura de engajamento político, a sociedade vê a necessidade de cantar (GEROLAMO, 2017), não apenas cantar. Logo, a sociedade brasileira atual carrega a herança cultural de tornar a arte um instrumento de protesto onde não arte, sendo essencial para o enfrentamento político.

Em relação ao seu contato com o público, buscou-se entender o perfil do público que a artista pretende atingir. Portanto, ao ser perguntada sobre as diversas mensagens que a artista recebe de seu público e qual é o perfil de seu público mais próximo enquanto ativista, Gabriela diz que

Não tem nada melhor pra mim do que sentir alguma melhoria ao meu redor por causa da música, sabe? Vejo uma música como uma voz pela qual eu sou muito grata por ter e por essa gratidão eu não desperdiço ela, mas tento fazer o melhor que eu posso com ela. Então as mensagens de pessoas que eu recebo, LGBT falando que foram inspiradas de alguma forma ou contempladas de alguma forma ou se sentiram bem ou qualquer mudança positiva de mulheres, principalmente, mulheres LGBT são minha maior remuneração como artista. Hoje o que eu faço é por causa disso. (BROWN, 2018).

Desde o advento das “canções de protesto” na década de 60, a arte-protesto, principalmente no que tange à música, visa questionar a realidade com um caráter transformador que pretende ir além do entretenimento para que se alcance uma conversão no contexto social (FREIRE; AUGUSTO, 2014). A entrevistada, ao responder a última pergunta, exterioriza o sentido que deu à arte na primeira pergunta, estando interessada não apenas em ser ouvida, mas principalmente em ser instrumento pelo qual a música de protesto se concretiza em mudanças em prol de uma sociedade cada vez mais justa e democrática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma aproximação entre a música de protesto presente em movimentos ocorridos em antigos cenários e períodos importantes para a democratização e redemocratização da sociedade brasileira e o contexto atual das lutas traçadas pelas minorias.

Inicialmente, foram analisados os contextos enfrentados pelos músicos e artistas vinculados aos movimentos políticos ao passar do tempo e quais foram as principais características em comum dos protagonistas desses movimentos e dos motivos pelos quais estes produziam arte-protesto.

Sendo assim, a música de protesto foi identificada como fenômeno social capaz alterar não apenas as características musicais de diferentes cenas culturais, mas também de transformar a sociedade no sentido de garantir à todos uma sociedade mais justa e democrática.

A participação dos jovens no ativismo político do país e a ampliação do engajamento político se faz presente desde o advento dos grupos de oposição da ditadura militar, sendo este o principal movimento de engajamento político da História do Brasil.

Desde então, os jovens influenciados pela herança cultural e por um sentimento universal de resistência à supressão de direitos fundamentais que muitas vezes não são conferidos às minorias, se unem com o auxílio da mídia e de outros meios de comunicação, cada vez mais avançados, de modo a criar uma rede de fraternidade que possibilita a politização e o exercício da democracia de forma intensa.

No tocante à mídia como meio de se difundir e facilitar a participação política da população brasileira, observa-se que vários são os grupos que utilizam das redes sociais e para enfrentar os preconceitos sofridos. As mulheres, negros, gays, a população que habita nas periferias do país, entre outras minorias, se negam a aceitar a submissão que muitas vezes tentam lhes ser imposta. Assim, encontraram

na arte-protesto uma voz para reivindicar seus direitos supostamente garantidos e cobrar das autoridades do Estado os direitos que ainda não lhes foram dados.

A partir do entendimento de que a facilidade conferida pela mídia e os meios de comunicação resultaram em um maior ativismo de diversos grupos da sociedade brasileira, pôde-se perceber que, diferente dos movimentos político-sociais antigos, atualmente é os artistas produtores da arte-protesto, são de diferentes contextos e classes sociais, resultando na esperança de um futuro cada vez mais democrático e condizente com a ampla diversidade existente no Brasil em seus mais variados sentidos.

A fim de analisar o presente estudo de forma mais próxima à realidade, entre alguns artistas capixabas que atuam como ativistas no meio da música, a artista Gabriela Brown foi escolhida para trazer uma análise mais real para os fatores que foram identificados anteriormente. Assim, foram analisadas obras da cantora e suas atuações no cenário de protesto em Vitória, além da realização de entrevista em que a mesma apresentou, em suas falas, a proximidade com fatores identificados pelos autores citados neste trabalho e com artistas que foram fundamentais para a disseminação da Música Popular Brasileira como instrumento mais fiel para explicar problemas presentes na sociedade.

Conclui-se, então, que a herança cultural atribuída à sociedade brasileira ao passar do tempo, é um dos fatores principais pelos quais os jovens, em sua maioria, estão a todo tempo buscando garantir e proteger a democracia e diversidade do povo brasileiro. Isso pois, devido aos contextos violentos e repressivos que os ativistas brasileiros precisaram enfrentar ao longo dos anos para que a sociedade atual tenha o mínimo de liberdade que se apresenta hoje, os artistas e ativistas atuais, parecem perpetuar (muitas vezes de forma inconsciente) a necessidade de gritar para o mundo a sua força e resistência a qualquer atuação política que não seja por meio da democracia.

REFERÊNCIAS

- BOCAUM; LEONI; ADIKTO; AXANT; MARY JANE; VK MAC; DUDU. **Primavera Fascista**. Vitória: Estúdio Sala de Estar, 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pi2WodtwW3k>>. Acesso em: 15 nov. de 2018.
- BROWN, Gabriela. **Anti Maré**. Vitória: Estúdio Sala de Estar, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=h0Aix7ZqYWU>>. Acesso em: 14 nov. 2018.
- BROWN, Gabriela. **Bonito é o quê?**. Vitória: Independente, 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eFIYeWoSowc>>. Acesso em: 14 nov. 2018.
- BROWN, Gabriela. Entrevista concedida a Eduarda Lugão. 2018.
- BROWN, Gabriela. **Meu Carnaval**. Vitória: Bravo Lab, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V4_ac47TCyA>. Acesso em: 14 nov. 2018.
- BROWN, Gabriela. **Velvet Weakness**. Vitória: Independente, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=08Lj53_Yshg>. Acesso em: 14 nov. 2018.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9. Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- CONTIER, Arnaldo Daraya. Edu Lobo e Carlos Lyra: O Nacional e o Popular na Canção de Protesto (Os Anos 60). **Rev. bras. Hist.**, São Paulo, v. 18, n. 35, p. 13-52, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881998000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 set. 2018.
- DEPOLI, João. E o que é bonito, Gabriela Brown? **Inferno Santo**, Vitória, 17 nov. 2017. Disponível em: <<http://infernossanto.com/2017/11/17/e-o-que-e-bonito-gabriela-brown/>>. Acesso em: 14 nov. 2018.
- FACCHINI, Regina. "Não faz mal pensar que não se está só": estilo, produção cultural e feminismo entre as minas do rock em São Paulo. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 36, p. 117-153, jun. 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332011000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 01 set. 2018.
- FREIRE, Vanda Lima Bellard; AUGUSTO, Erika Soares. Sobre flores e canhões: canções de protesto em festivais de música popular. **Per musi**, Belo Horizonte, n. 29, p. 220-230, jun. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-75992014000100022&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 ago. 2018.
- GEROLAMO, I. Nara Leão: entre a bossa nova e a canção engajada. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 66, p. 172-198, 1 abr. 2017. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/133112>>. Acesso em 25 set. 2018.

MORENO, Rosangela Carrilo; ALMEIDA, Ana Maria Fonseca de. Quando jovens ativistas do hip hop encontram a política partidária. **Rev. Sociol. Polit.**, Curitiba, v. 25, n. 61, p. 5-29, mar. 2017. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782017000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 out. 2018.

NAPOLITANO, Marcos. A MPB sob suspeita: a censura musical vista pela ótica dos serviços de vigilância política (1968-1981). **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 24, n. 47, p. 103-126, 2004. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882004000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 27 set. 2018.

_____, Hoje preciso refletir um pouco: ser social e tempo histórico na obra de Chico Buarque de Hollanda 1971/1978. **História**, Franca, v. 22, n. 1, p. 115-134, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742003000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 30 set. 2018.

NAVES, Santuza Cambraia. Da bossa nova à tropicália: contenção e excesso na música popular. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 15, n. 43, p. 35-44, jun. 2000.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092000000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 28 ago. 2018.

TAVEIRA, Vitor. Gabriela Brown: 'É um grito de estou aqui, amo e sou feliz'. **Século Diário**, Vitória, 30 ago. 2018. Disponível em:

<<https://seculodiario.com.br/public/jornal/materia/gabriela-brown-e-um-grito-de-estou-aqui-amo-e-sou-feliz>>. Acesso em: 15 de nov. 2018.

TROTTA, Felipe da Costa. Entre o Borrvalho e o Divino: a emergência musical da "periferia". **Galáxia (São Paulo)**, São Paulo, v. 13, n. 26, p. 161-173, dez. 2013.

Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-25532013000300013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 01 nov. 2018.

VELTHEM, Lucia Hussak Van. **Artes indígenas**: notas sobre a lógica dos corpos e dos artefatos. Textos escolhidos de cultura e arte populares, Rio de Janeiro, v.7, n.1, p. 19-29, mai. 2010. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tecap/article/viewFile/12052/9434>>. Acesso em: 26 de set. de 2018.